

## “Meninos Eu Vi”...um filósofo e educador

*Moacir Teixeira de Aguiar*

Vivi outra geração, com outras ideias... Desejaria iniciar retornando para momentos antes de entrar na Universidade, na sua história, no seu segredo. Eu preferia dizer alguma coisa sobre a Fortaleza em que eu vivi; as ideias e os costumes daquele tempo. E como foi difícil essa transformação que vai até assombrar muitas das nossas colegas e aqueles que foram ou poderiam ter sido meus alunos.

Eu lembro a Fortaleza do meu tempo. Vou começar pela infância, quando a cidade tinha talvez menos de 70 mil habitantes, era uma cidade provinciana, nos seus hábitos e costumes corriqueiros e intelectuais. Seus hábitos e costumes marcaram inegavelmente a minha vida, a nossa vida, apesar da diferença temporal que hoje nos separa dela. A família, naquela época, compreendia não apenas o irmão e a irmã, mas, os irmãos, os primos, os sobrinhos, os tios, os avôs. Era enorme a família... Um verdadeiro clã, como diz o professor Antônio Carlos - eram verdadeiros agregados. Na nossa Fortaleza... isso na década de 20, jantávamos às 17 horas, às 5 horas da tarde... Eu não sei se isso é importante. Mas parece ser e muito. E depois, nos reuníamos todos nas calçadas para conversar com os vizinhos. As calçadas

eram quase sempre de pedras, mesmo nas praças mais nobres da cidade, calçadas e calçamentos.

O Centro, o Jacarecanga... O Benfica, nesta sala, onde eu estou falando, quando eu era menino... visualizava-se a Gentilândia. No meu tempo, no nosso tempo, nós assistíamos às corridas de cavalo trepados nas árvores... nas árvores! Eu quero chamar atenção como o mundo, como Fortaleza mudou. Posso falar também de outros locais: o Joaquim Távora etc. Mas, está bom.

### **Fale da sua escola... (Fala da professora Maria Luisa)**

Muito cedo entrávamos para a escola, eu não vou continuar a falar sobre a Fortaleza porque seria um não terminar. O colégio primário que eu frequentei, pela primeira vez, foi o Colégio Nossa Senhora da Vitória, inserido numa sociedade, como já disse, provinciana, secularmente empobrecida, centrada intelectual e politicamente na Praça do Ferreira. Quer dizer, todo mundo na Praça... Todos nós, quando terminávamos as aulas, médicos, professores e etc., íamos conversar na Praça do Ferreira. Era ali o ponto de encontro.

A escola primária, a escola primária que eu vivi, não era ainda a Escola Nova, eu queria chamar bem a atenção sobre isso, nós estávamos em 29, 28, 27 eu tinha 8, 9 anos, não tínhamos ainda a Escola Nova. E a minha escola não seguia as orientações dos clássicos: de Decroly, de Dewey... e do nosso Anísio Teixeira; mas uma coisa eu tive a ocasião de ver - foi o reflexo da reforma de Lourenço Filho na Escola Normal, muito cedo ele implantou a chamada Escola Nova. Em 1922, como diretor da Instrução Pública e como professor de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal. Foi o grande renovador da época. Pode-se hoje contestar, parece que o Saviani o faz, não é?... Em muitos aspectos, a Escola Nova, na época, representava uma transformação nos velhos métodos da disciplina marcadamente austera, do castigo, da palmatória, da prisão, do cocorote, do puxavante de orelha, não é? Eu ainda peguei um pouco disso. A minha escola já era intermediária entre a Escola Nova e a Escola Tradicional, mas, vez por

outra, a professora se zangava e dava um cocorote num menino, por pequenas coisas... Mais tarde, numa pesquisa que eu fiz pelo interior do Estado, vi com os meus próprios olhos, não foi somente na minha escola, aqui eu estou apenas dando um salto no tempo. Eu vi ainda o uso da palmatória: menino apanhando com palmatória. Eu próprio cheguei a mostrar à Maria Luísa e aos amigos uma palmatória que eu trouxe do interior do Estado, de Massapê... Na minha escola, entretanto, a professora era amável, simpática e procurava atenuar o mais possível os excessos da escola tradicional; nós devemos muito a ela apesar do seu tradicionalismo.

### **Sei. E o Liceu? (Fala da professora Maria Luisa)**

Escolas das boas famílias existiam. E as chamavam, assim, porque geralmente atraíam muito as chamadas famílias tradicionais. Vou citar algumas apenas para dar uma ideia. daquelas famílias de cujos filhos eu fui colega, dos Távoras, inclusive daquele que foi mais tarde governador do Estado.

**Fala do Liceu, da Juventude Integralista, o que foi isso... (interrompe a professora Maria Luisa)** O nome de todas as famílias tradicionais ... **Diz algumas aí, é interessante! (Fala do professor Antônio Carlos Machado)** As famílias chamadas importantes. Eu não estou apoiando isso não, estou dizendo o que se passou, foi isso que se passou. Então, eram os Studart, não sei se vocês ouviram falar... Mas aqui vamos falar dos Gentil de Aguiar. Aqui morava o avô de um dos meus primos, ou de parte dos meus primos, na casa que hoje é a Universidade Federal do Ceará, pelo menos a reitoria, não digo o todo, houve reformas, mas a casa era na reitoria. Os Salgado da Fonseca, os Ferreira Gomes, talvez se liguem ao governador, não tenho certeza, os Picanços, todo aquele pessoal, os Diogo... Vocês tão vendo que era uma elite muito... mas eu não quero dizer com isso que a nossa professora chamava a elite. É que as próprias famílias a procuravam; ela tinha um carisma muito grande, atraía.

Eu falarei das escolas que muito mais tarde ganharam um cunho popular... mais tarde. Havia nesta escola uma coisa muito interessante, onde não parecia se manifestar preconceito algum, nem político; a gente podia ser a política que quisesse, não havia preconceito de cor (?). Falo isso porque às vezes eu tenho medo, por ter sido educado numa família com certo preconceito, que me viessem dela sentimentos entranhados na cultura. Mas a escola deveria trabalhar o preconceito de cor e o preconceito também religioso, não é? No entanto, havia realmente uma professora de religião, mas para quem quisesse, não havia obrigação, não havia nada.

Eu tenho de falar sobre o Liceu. O Liceu não foi e nem é o estabelecimento de hoje, Deus me livre que digam que eu estou dizendo que o Liceu hoje é um estabelecimento... como o povo diz mesmo? Mas, eu não estou dizendo. Mas, naquele tempo, era um estabelecimento de alto nível. Eu fiz o meu primeiro exame de admissão em 31. E três meses depois, fiz o primeiro ano, é muito interessante observar os fenômenos... O curso seriado era feito em cinco anos... Eu entrei no segundo ano, fiz o exame de admissão e por um aspecto da lei, três meses depois, passei para o 2º; eu só cursei como aluno no Liceu 4 anos.

Entre os mestres, naquele tempo, um nome que vocês nunca ouviram falar, foi o mestre Djacir de Menezes, que ensinou Lógica. Porém, o maior matemático que nós tivemos em nossa terra, nenhum o sobrepujou, eu afirmo sem medo de errar, o professor Manuel Ávila Goulart. É interessante a gente observar como a vida, às vezes, é infeliz; homem do valor como o dele, entre outros, foram totalmente esquecidos, nem no Liceu você ouve falar. Quem é Manuel Goulart o grande o professor? Tudo na vida é assim. Outro dia, uma pessoa me dizia no Rio Grande do Sul, em Gramado ninguém... ninguém não, ai já é exagero, pouca gente se lembra de Getúlio Vargas no meio da mocidade. No entanto, o nome de Getúlio é um nome que não podemos negar a importância; podemos criticar, mas não podemos

negar que ele ficou ligado à história do País para ser esquecido em qualquer circunstância. Outros professores, que talvez vocês possam lembrar, é o professor Otávio de Farias, Hermenegildo Firmeza, Jader de Carvalho, que é o pai deste Senador. O Jader, eu quero até falar um pouco mais, porque, entre todos os professores, ele era o único marxista, era o único com quem nós brigávamos; e ao mesmo tempo, era o mais estimado deles. E eu devo fazer justiça ao Jader de Carvalho, ele tinha um respeito enorme pelos estudantes que estudavam muito, que liam muito. Convidava-os para ir à sua casa. Pouco importava se nós estivéssemos contra, que fizéssemos objeções, nunca se colocava totalmente contra a gente... O nosso grande problema com o marxismo naquele tempo era uma questão filosófica, nós éramos jovens espiritualistas e eu vou dizer, claramente, católicos! E o marxismo era a condenação das religiões no nosso modo de ver de então. Daí, o nosso choque.

Quero lembrar... **A juventude Integralista (Fala da professora Maria Luisa)** Integralismo... bem, a figura central que influenciou sobre a nossa entrada para o Integralismo foi, sem dúvida, o Padre Helder Câmara. Filósofo, sociólogo, político. E o que é o integralismo? É difícil definir uma corrente que foi passageira, de poucos anos na nossa vida, mas de qualquer maneira, eu vou ser sincero, eu não vou mentir para os meus colegas, para os meus amigos. Nós ficaríamos devendo muito. O quê? Devemos muito o amor ao estudo; foram eles que mandaram ensinar, às vezes, para combater, o marxismo, mas nós estudávamos. Quantas vezes eu não fiquei até alta noite lendo para fazer uma conferência para criticar o Dr. Djacir Menezes, que nós não o tínhamos como marxista, mas o tínhamos como cientista-filósofo! Eu quero chamar a atenção para esse aspecto; e por esse lado, foi altamente útil, quer dizer, nós ficávamos tendo uma ideia geral do País. Fizemos uma ideia geral da unidade do País, lemos quase todos os autores: Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, o Plínio Salgado, nem se fala, o Reale... O Integralismo tinha alguns grandes nomes, tinha. Para mim, entre

eles, estava o Plínio, mas não era um grande político. Interessante, fez um movimento político, mas não tinha tanto talento político. Ele foi iludido e enganado pelo Getúlio facilmente; não tinha grande valor político. Mas um nome maior intelectualmente, ainda hoje, um grande nome no País, é do professor Miguel Reale. E também o do professor San Thiago Dantas, a pessoa do San Thiago Dantas. Eu eu não sei se vocês já esqueceram, também, mas eu acho que o Nicolino, aqui, se lembra bem dele. **Ele foi Integralista? (Fala do professor Antônio Carlos Almeida Machado)** Foi. O San Thiago Dantas foi um dos líderes do Integralismo, e tinha muita gente grande, é... e ele foi grande. Depois, como todos nós vimos que o movimento ia fracassar, como fracassou, e não tinha condições de resolver uma filosofia, uma sociologia tão solidamente estruturada como o marxismo, por mais que nós o desejássemos... O próprio Gustavo Barroso, para mim... estava lado a lado. Gustavo Barroso que publicou "*A terra do sol*" era, na minha opinião, um grande nome. Critica-se muito o Gustavo porque ele que foi influenciado pelo fascismo e muito, viu! Hoje, sinto profunda aversão. Mas, em verdade, o que se combatia era mais o capitalismo judaico. O Integralismo era contra o capitalismo internacional, não chegava a ser contra o capitalismo em geral. Mas, infelizmente, o Gustavo Barroso achava que o capitalismo internacional era liderado pelos judeus e ele tem esse ódio dos judeus, que nunca senti. Os meus grandes mestres foram todos judeus; Jackson, por exemplo, era judeu. Não é isso mesmo, Nicolino? Eu falo com o Nicolino porque se eu sei, ele também sabe... Na época, eu era católico e apesar disso, nós estudávamos... Eu não vou aqui descrever o tomismo de Jackson de Figueiredo... nem o tomismo de Alceu de Amoroso Lima, um grande nome, o Tristão de Ataíde. O Tristão não chegou a ser integralista, isso aí é uma ilusão. Ele foi católico e defende o que a maioria dos intelectuais católicos defendiam: o Integralismo. A maioria dos intelectuais católicos defendia o Integralismo, mesmo quando não eram, como é o caso de Alceu na época; depois, nós vimos,

principalmente quando se manifestou a revolução de 64, que ele viu que o Integralismo pregava muito a ordem, a disciplina, que esse negócio de ordem e disciplina acabava em ditadura. E, além disso, o Integralismo também decepcionou muito, com essa história de fidelidade ao chefe nacional, o chefe nacional fazia lembrar *Fuhrer*, fazia lembrar *Duce* e isso contribuiu muito para acabar definitivamente.

Nessa etapa da minha juventude para o começo da faculdade de Direito, eu digo a vocês, nós tivemos dois fatos que nos abalaram: um foi a revolução de 1935, chefiada pelo Prestes, e a de 1938, não foi só de integralistas, mas foi liderada por um integralista, o nosso amigo Belmiro Valdez... que eu nunca o conheci. Mas o Integralismo estava morto! E hoje só entra como documento histórico.

No Liceu eu fui amigo e adversário terrível, é preciso dizer, de um grande aluno que se tornou depois um grande professor e si é pouco o que é eu digo, não é porque ele esteja presente, o sogro do Nicolino. Hugo Mendonça, Lopes Mendonça foi um dos melhores alunos do Liceu. Não sei se ele é amigo dele hoje, se não é, ou como é que é, se ele morreu... é, morreu, mas ele deve ter guardado pelo menos a consciência da dignidade, da moralidade e do amor ao marxismo que ele tinha. Nós discutíamos muito e eu aprendi muito com ele e também disse muita coisa, que eu não sei se ele aprendeu ou não.

Ainda continua no Integralismo, o professor João Alfredo Montenegro; professor desta universidade, escreveu um livro que aqui está: "*O Integralismo no Ceará*". Não é? Trata-se de um momento sério, foi com o conhecimento filosófico, o histórico que ele fez, ele não iria fazer sobre qualquer coisa, e se eu quisesse me esconder de ter sido integralista não podia mais; porque ele me botou nos primeiros planos lá, nem que eu quisesse me esconder não podia, e aliás, não tenho a menor intenção, fui e fui.

**Como foi que você reviu isso, como foi que você superou? (Fala da professora Maria Luísa)** Ah! Não foi muito fácil: na proporção em que se vai estudando, vai lendo, vai vendo que não é essa a solu-

ção. Bem, eu posso dizer que a minha primeira crise ideológica foi a crise religiosa, e lamento e digo para vocês, sem nenhum constrangimento, lamento essa crise! Naquela época, com muita... com muita prudência. **Conta como você supera isso (fala da professora Maria Luísa).** Maria Luísa, não é muito fácil a gente acreditar e a gente superar, não é? A primeira coisa que se verificou com a grande guerra... foi a própria decepção. A própria crise religiosa foi a primeira coisa que me abalou. Eu fui um homem que cheguei até ser "filho de Maria" e dizer isso é preciso ter coragem, mas eu tenho coragem de dizer e no dia em que botei seu símbolo, eu senti na minha cabeça: - será que eu continuarei com isso? Foi o primeiro momento da minha dúvida religiosa. E eu que ia ler Descartes, o filósofo da dúvida, como é que eu ia me aguentar com isso? Estava começando a ver, porque justiça seja feita, a gente, lia muito; o Helder e outros botavam para a gente ler Descartes. A gente que não lia estava errada, porque um dos defeitos da época, eu não sei se é de vocês, é não ler ou ler pouco. Vejo uma tendência para ler só Marx...Marx, Gramsci ou então... Mas a gente lia tudo. Para ver a continuidade, até onde chegava. Isto eu não estou acusando, estou apenas chamando atenção... eu não sei nem como está a posição dos marxistas, nesse momento, depois da crise da União Soviética. E posso dizer que ontem, antes de ontem, li no Jornal do Brasil que o professor Leandro Konder vai publicar um livro sobre o marxismo, e a pergunta é esta: - Qual a consequência disto? É continuarmos radicais como éramos? Mais ou menos isso. Ou, então, teremos de fazer uma modificação.

**Sim. Mas volte para sua conversão... desconversão! Como foi? No religioso, em quem você se fundamentou? Filosoficamente, quem foi? (fala da professora Maria Luísa)**

Minha desconversão... está aqui. Ora, como foi! A primeira pessoa quando eu deixei a Igreja - deixei a Igreja não porque não admire a Igreja, mas lamento ter perdido a fé. E estou causando malestar à minha senhora, viu? As pessoas são amigas dela e eu desejaria ter



fé porque a gente é mais feliz, sabe? Não faz mal dizer não, a gente é mais feliz, viu? Eu era mais feliz quando eu tinha fé, mas hoje como eu não tenho, também estou conformado.

Agora, do ponto de vista filosófico, o filósofo que me encantou foi Henri Bergson, lamento não poder falar sobre ele. Bergson era um espiritualista. Ele era de alto nível e influenciou muito a chamada renovação espiritualista no começo do século XX. Todos esses receberam a influência de Bergson.

### **Do Bergson para o Husserl como foi? (fala da professora Maria Luisa)**

Bem... do Bergson para o Husserl, eu fui deixando, fui lendo... É porque, Maria Luisa, quando a gente tem uma biblioteca vai adquirindo livros e, lendo, acabei ficando entusiasmado com a fenomenologia e com o existencialismo, porque o existencialismo não deixa de ser uma fenomenologia, de certo ponto de vista. Se pudesse ainda ter tempo para publicar (tenho trabalhos sobre a fenomenologia) um livro sobre o Husserl, o faria.

### **Do que você gosta no Husserl? (fala da professora Maria Luisa).**

Eu ainda o admiro. Ainda hoje o admiro. É um idealismo transcendental, Maria Luisa, para explicar toda essa passagem, é duro, não é? Um pouco duro. Publiquei um trabalho meu pela Faculdade de Direito.

### **Eu devo parar aqui: Ainda tinha alguma coisa (fala do professor Antônio Carlos de Almeida Machado)**

Eu devo muito à Filosofia, mais do que à Educação. Mas tenho a dizer muitas coisas, uma delas foi meu encontro com Padre Leonel Franca. Outro, e este de muito maior envergadura, foi o encontro com Jean Paul Sartre, que vocês podem não conhecer a obra, mas sabem que foi um homem de... eu conversei com ele, mas não foi tão fácil. Línguas, eu domino algumas, leio, escrevo e entendo bem o francês, por exemplo, mas falar, sinto dificuldades. Então fizemos uma

entrevista com ele. Entre outras questões, pergunto em que consiste seu esforço de aproximar o existencialismo ao marxismo. São pontos de vista afinados. Outra pergunta: - Na França há três correntes existencialistas. E banquei o repórter: Como o especialista convive na França com as três correntes? A de Gabriel Marcel, a de Kierkegaard e a de Heidegger. Heidegger não é religioso; é ateu, mas é subjetivista. É muito interessante.

Outra pergunta: quais são os pontos de contato que fazem o laço entre vossa doutrina existencialista com o pensamento socialista alemão? Ele completa que o ponto de contato dele é Heidegger. Agora há um ponto que ele nos critica (e me honra muito ser criticado por Sartre) quando ele diz que nós somos muito presos ao pensamento europeu. E não foi só aqui não, chega a São Paulo! Ele estava esperando encontrar na Revista Filosófica Brasileira um trabalho de origem brasileira.

**Depois volte para contar uma evolução. Como é que você vem para a Escola Normal? (fala da professora Maria Luísa)**

Educação... voltando no tempo, nós assistimos à Reforma Francisco Campos que vocês estudaram aqui. Não estudaram? Eu passei por ela, eu passei, eu vivi... eu fiz uma greve contra ela! Esses fatos é que são bons. Eu, o teu sogro (Nicolino) fizemos uma greve, não foi? Era um absurdo, na perspectiva do aluno: era que nós tínhamos 5 anos de curso seriado ia passar para 8 e eles se dividiam: um ginásial, com 4 anos e, salve engano, um complementar de 2 anos. Compreendiam um clássico e um científico; um pré-médico e um pré-jurídico. No clássico se matriculavam principalmente os alunos que iam para Direito, para Letras e etc. e o científico, está claro, Medicina, Engenharia etc. entendeu? Nós fizemos a greve, mas houve uma dissidência. Um sobralense... sobralense é bicho danado! Então veja, fez um discurso a favor da reforma, que ele leu muito; a reforma, nós não tínhamos lido, nós éramos poucos (enfraquecidos pela falta de leitura), por isso, acabou a coisa amenizando, acabando a greve. Eu

não passei pela Reforma Francisco Campos porque não tinha feito o 1º ano só fiz os 4 anos. Todos os demais colegas, seu genro também só fez os 4 anos, mas os outros fizeram.

– O que você quer agora Maria Luísa? **Você não contou o seu trabalho na escola normal ou...** Os principais momentos aqui eu assisti, alguns fatos eu posso contar. Um foi o concurso, o célebre concurso havido na Escola Normal em que entre os competidores estava a Dona Edite Braga... a Dona Edite Braga, vocês talvez nunca ouviram falar nela, se eu não me engano, mãe de uma moça chamada... É... Hebe Braga. D. Edite era uma senhora talentosa, de valor, viu? E uma escolanovista a Lourenço Filho. D. Edite tinha como competidor o Dr. Joaquim Moreira de Sousa. Olha... Eu queria que vocês vissem o que era um concurso naquele tempo. Era como fosse um grande comício do Lula hoje, do Brizola ou de qualquer outro viu? Todo o pessoal lá torcendo, não é? Então, era interessante, tanto integralista, como comunista, torciam pelo Moreira de Sousa que não era nem uma coisa nem outra, era democrata, liberal, sei lá. Mas, ele conseguiu sua simpatia e a dona Edite... Ela talvez tenha morrido do coração das vaias que levou e eu acho que até injustas, viu? Porque como pode... a pessoa subir naquela... e descer debaixo de vaia? Foram muito sérios esses concursos.

Eu quero lembrar o seu valor, ela fez uma tese brilhante, as ideias dela estavam baseadas na Escola Nova, de Lourenço Filho. Fizeram uma campanha muito forte, mas ... Enfim, a coisa foi tão grave, que até o então Interventor Carneiro de Mendonça foi assistir para manter a ordem lá. Mas, o concurso acabou empatado, e como ela já estava na cadeira, ganhou o concurso. O Dr. Joaquim Moreira de Sousa, cunhado do Dr. Raul Barbosa, se eu não estou enganado, ex-governador. Foi embora do Ceará, e ainda fez dois trabalhos sobre o Ceará. Mas esta mágoa, esta mágoa! Pelo que eu conversei com ele, muitos anos depois, ele levará ao túmulo, pois, não podia conceber como perder o concurso, mas perdeu.

Outras duas grandes figuras vão ainda trazer uma terceira: uma foi o professor Filgueiras Lima, pai do proprietário desse Colégio, o Colégio Lourenço Filho. Olha, o Filgueiras era um rapaz brilhante, inteligente, e tal. Fundou um Colégio, também, baseado totalmente nas Escolas Novas. Foi então que eu fui aprender Decroly... Não sei... o tal "centro de interesses". Ele não era deweyano, mas na teoria pregava Dewey, entretanto, na hora da prática ele... era mais Decroly do que Dewey, não é? Filgueiras foi uma grande figura. Eu quero lembrar que ele fez concurso com o Dr. Herivaldo Costa, mas Filgueiras ganhou o concurso. Há muita história.

### **O teste ABC? (Fala da professora Maria Luisa)**

Técnico... de educação da Prefeitura, sempre me dediquei muito à educação. E mais tarde, Secretário de Educação, eu próprio dirigia um inquérito pedagógico social. Visava saber (hoje eu não sei como é que está a situação), por exemplo: distribuição dos alunos nas escolas municipais de Fortaleza (só como exemplo, para vocês verem) segundo as séries do currículo escolar, do segundo semestre de 1952; olha, estamos com 40 anos (é, foi há 40 anos passados). No primeiro ano havia 2.921 alunos, já no segundo, 529: aí é que aparece o grande problema; não sei como é que está hoje, olhem! Esse documento é um documento que eu guardo para ver como é que fica isso, não é? No segundo ano, quantos alunos já tinham evadido! No terceiro ano, 284 alunos nas escolas municipais da prefeitura e no quarto ano 228. Por aí se pode ter uma ideia. E hoje como é que está? Vocês devem saber. Ainda continua isso? A pirâmide!

É interessante observar, eu fiz também uma pesquisa eu não sei se vale a pena repetir, mas vocês lerão depois quando eu publicar. A idade em que os alunos entravam na escola. Entravam até cedo, viu? Entravam com 7 e 8 anos, mas saíam logo. Entravam, os pais botavam os filhos na escola, mas tiravam logo, pelo menos foi assim.

Agora, nota-se... A distribuição dos alunos nas escolas municipais segundo as dificuldades encontradas nas matérias dos currículos. Os

meninos ah... os rapazes, sexo masculino, encontravam dificuldades em Português em 15%; e as meninas tinham menos dificuldade 6,9%. Em Matemática, os meninos, interessante, tinham menos dificuldades 7,4, mas as meninas tinham mais dificuldades em Matemática. - As meninas ainda têm hoje mais dificuldade em Matemática? Isso é algo orgânico, psicológico ou é apenas uma questão social? Vocês que são mestres é... Não faz mal ver essas mudanças.

Rapidamente eu tenho a dizer algo a respeito da renda mensal dos pais... Ganhavam pouco. As casas, eu me preocupei até em saber como eram as casas das crianças; havia casas de tijolos, mas outra parte era barro, cimento, mas tinha até mosaico e assoalho, tudo em porcentagem muito baixa. E assim por diante, eu não vou falar de todos não. Eu quero dizer que a gente se preocupava muito em saber a situação dos estudantes. Outros estudos, outras pesquisas que fizemos foi justamente fazer o que estava na moda, eu digo na moda! Eu não sei nem se eu cometo um erro: aplicar teste, teste de inteligência, o teste querido, era o teste ABC de Lourenço Filho. Eu como era Secretário... "como estava na moda", eu não sei bem por que mandei aplicar nas escolas, aqueles desenhos para ver... Isso em 52. De qualquer maneira, foi um esforço que eu fiz nessa época não é? E... Tinha uma professora que se dedicava muito a isso, aos testes ABC: Maria Luíza Sidô. Ela era... Hoje eu não sei se ela é professora, o que ela foi, mas naquela época ela era... e procurava se atualizar.

Eu quero lembrar a vocês também uma pesquisa sobre o Ensino Normal e eu quero dizer uma coisa interessante. A Escola Normal foi fundada por José de Barcelos, em 1884, no mesmo ano em que se deu a libertação dos escravos. Olha, que coincidência interessante! Aqui no Ceará! Foi no dia 25 de março de 1884, José Barcelos assume a Escola Normal.

Agora a fundação... Espere aí. **Pois conte sobre a universidade, a fundação dessa universidade. Da Faculdade de Educação (fala da professora Maria Luíza).**

Bem, eu quero falar ligeiramente sobre a Universidade porque muita gente já deve ter falado da universidade e eu já estou vendo o tempo correr...

**Como é criada a Universidade? Você participou ou não? (Fala do professor Antônio Carlos Machado)** Eu não participei diretamente da criação, eu não participei. Trabalhei por ela, mas não quer dizer eu tenha sido fundador... dessa eu não fui, fui chamado depois, você talvez tenha participado da fundação. Quero ainda lembrar nomes que não devem ser esquecidos, alguns deles não são nem meus amigos, mas a justiça deve ser feita, quer se goste ou não, quer a ideia, seja a favor, seja contra. O professor Valnir Chagas não me era simpático aqui; como era do Antônio Carlos. Talvez ele tenha trazido o Antônio Carlos para essa universidade. Ele, talvez tenha tido seus motivos para que eu não tenha sido fundador dessa faculdade, entendeu? Mas eu não guardo nenhuma magoa disso, porque depois ele me chamou e tal se não tivesse chamado eu não ia guardar essas magoas todas não... E eu quero dizer que a faculdade deve muito ao Valnir. É a sua opinião Antônio Carlos? Ele pode ser acusado, como foi, de ter sido do governo, na época da revolução, compartilhado um projeto de universidade e de faculdade de educação no período militar. Ele teve a Faculdade como coordenador e pedagogo. Mas eu quero lembrar também o nome do Hesíodo Facó; eu acho que o Hesíodo não foi como o Valnir, mas também foi um nome de muito valor.

**E o Antônio Martins Filho? (Fala da professora Maria Luisa)**

Eh! ah bem... Eu não falo do Martins filho porque todo mundo já falou, Maria Luísa. Antônio Martins Filho foi uma figura excepcional e é preciso que eu diga... quer que eu diga a verdade? Eu não dava nada pelo Antônio Martins Filho. Eu não dava nada! Ele foi meu colega, professor no Liceu como eu... Entendeu? E nós nunca demos esse valor a ele, viu? Era um homem vivo... Inteligente e tal. Nada mais do que isso! Eu me lembro no governo de Faustino de Albuquer-

que. Entrando na Faculdade estavam: o filho dele, Valmir Albuquerque, Paulo Bonavides (pra mim, a maior figura do Ceará atual, fora o Djacir Menezes). Estavam conversando... e o Antônio Martins Filho também; estavam falando sobre a universidade, isso a altura ainda de, de 40 e tal. E eu disse, meu Deus, eles estão ficando doidos! Eu não acreditava que o Martins, nem que o Ceará, comportasse uma universidade. Eu digo a verdade para vocês, mas eu me enganei! Redondamente! Mas o Paulo me disse: Vai surgir a universidade. Ai eu fiquei calado porque eu conheço o Paulo, ele é um homem de larga visão. Mas a surpresa foi quando vimos a... universidade edificada! "Do universal para o regional".

Eu queria muito agradecer. **Quer falar sobre a Faculdade de Educação (fala da professora Maria Luísa)**

Olhe vocês me desculpem por não ter aprofundado na parte de educação porque eu estou vendo que eu estou com hora e meia, já. Mas eu posso fazer um pedido a vocês: se forem marxistas leiam Marx, mas não leiam apenas Marx. Se forem antimarxistas não leiam apenas os antimarxistas leiam também os marxistas. Nas minhas experiências, eu comecei lá desde os grandes e continuei, Kant me deu um grande sopro na vida. São Tomás dizia que a razão humana podia provar pela inteligência a existência de Deus; na dialética, a crítica da razão pura, Kant diz a razão não prova nada, tanto prova a favor como prova contra e quem prova a favor e prova contra, não é? Nada prova. E isso tudo vai desconjuntando a gente até chegar ao Husserl que fez uma obra brilhantíssima, mas eu não encontro uma passagem dele afirmando a existência de Deus. Dizem que ele como pessoa humana acreditava em Deus, mas a filosofia dele não nos dava condição final a uma afirmação divina e teológica.

Portanto eu agradeço a presença, sobretudo a delicadeza e bondade dessa grande professora que é a Estrela, porque ela... hoje eu fiz uma previsão para ela, mas não vou dizer a previsão porque ela fez assim...um sinal, mas ela ainda vai muito longe nessa faculdade,

não é? E dizer e agradecer aos alunos que eu não pude mencionar... eu tive alunos, por exemplo, que influenciaram tanto sobre mim. Então, eu quero agradecer a vocês a presença, a presença também das minhas amigas e meus amigos que aqui estão que vieram assistir um assunto talvez até... não muito agradável, que foi a história da vida de um professor que muito sofreu também e eu não vou contar sentimento aqui nem vocês querem saber, não é? E que recebeu também muitas homenagens na sua carreira. Teve o pró e teve o contra; teve o polo norte, teve o polo sul e eu... a vocês, um beijo e um muito obrigado.

Fortaleza, 06 de abril de 1992